



Aldravinturas

memória, arte
e patrimônio
têxtil de uma
comunidade

Memória têxtil de uma comunidade

Por Andreia Donadon Leal

Mestre em Literatura, doutora em Educação,
membro da Academia de Letras, Artes e Ciências
Brasil e da Academia Marianense de Letras

Esta obra dá voz e foco a um dos subdistritos mais afastados de Mariana, em Minas Gerais: Campinas. Paisagem exuberante, ipês, araucárias, montanhas, estrada de asfalto, de bloquete e de terra batida... É Campinas!

No centro da comunidade, a escola municipal. Tempo integral do saber, do saber-arte, do saber-ler, do saber-brincar, do saber-sintonizar com a flora e a fauna, com o saber-fazer diferença na vida de toda comunidade, com o saber-viver, com o saber-respirar, com o saber-sabor-doce-da-vida: aldravilhar. Brilho que sai do fundo da alma.

Brilho que sai do amor tenro e puro das crianças, numa roda de fazer esculturas de pano, de imortalizar roupas, de imortalizar moradores, de eleger e de imortalizar o patrimônio afetivo por meio da memória têxtil de sua comunidade. Campinas é assim. A escola municipal é assim. Existe patrimônio maior do que o ser humano? E dessa forma, visando incentivar e aguçar o processo criativo, educacional, afetivo, cultural e memorialístico de estudantes de Campinas, realizamos uma série de oficinas intitulada: *Aldravinturas – memória, arte e patrimônio têxtil de uma comunidade*.

O projeto desenvolveu oficinas educativas de artes plásticas

contemporâneas que foram ministradas por mim, parceiros, professores e alunos, usando técnicas de gotejamento, traços coloridos, impermeabilização em peças de roupas e criação de esculturas têxteis.

O foco do trabalho foi usar a arte para estimular o crescimento interior e criativo, elevar a consciência sobre si em sua comunidade e em seu território, e valorizar seus antepassados através de intervenções artísticas feitas sobre peças de roupas como se redigissem uma biografia.

A aldravescultura, técnica de aproveitamento de tecidos, criou possibilidades de modo que o pano se tornasse suporte para produções artísticas - torcendo tecidos, cobrindo estruturas e esculpindo ideias de flores, corpos e conceitos com panos e tintas. O resultado? Telas, esculturas têxteis e intervenções em peças de roupas de moradores com a biografia dos homenageados. Essas obras fazem parte da 1ª Mostra de Arte Aldravista: Memória têxtil da comunidade em Campinas, as quais foram fotografadas para a produção desta publicação.

Mergulhe nas histórias e inspirações que cada imagem revela e deixe-se levar pela arte e pela beleza de cada detalhe!



Aldravinturas

memória, arte
e patrimônio
têxtil de uma
comunidade

Ficha técnica

O apoio a essa publicação é uma ação de salvaguarda das referências culturais das comunidades atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão e, por isso, não pode ser comercializada.

Coordenação pedagógica:

Vanusa Aparecida Pereira Cerceau

Oficina de Aldravintura:

Andreia Donadon Leal

Textos e peças:

Alunos e professores da Escola Municipal de Campinas e moradores da comunidade

Apoio:

Fundação Renova e UNESCO

Projeto gráfico:

Zéu Coscarelli - Coletivo É!

Fotografia:

Luiza Geoffroy

Suporte de produção:

João Fernandes

Coordenação editorial:

Adriana do Carmo

Leandro Bortot - Coletivo É!

www.coletivoe.com

Mariana



2024

Aldravinturas

memória, arte
e patrimônio
têxtil de uma
comunidade

Registros das Oficinas de Aldravintura



Paixão aldravista: como tudo começou...

"Meu nome é Vanusa Aparecida Pereira Cerceau. Tenho 49 anos e há 27 trabalho na Educação. Amo o que faço.

O meu amor pela arte aldravista se deu quando visitei a Casa de Arte Aldravista e conheci a Andreia Donadon e seu marido, José Benedito, o JB. Confesso que moraria ali para sempre.

Fiquei apaixonada com os livros, as esculturas e, principalmente, o memorial das peças de roupas.

Quando cheguei na escola, pensei: por que não fazer um memorial com a identidade daqui da comunidade de Campinas?

Conversei com a Andreia e o meu amigo Heitor sobre essa possibilidade.

Tivemos alguns imprevistos, mas as oficinas aconteceram. Juntamente com os alunos, trabalhamos as biografias, os poemas, as entrevistas e compartilhamos conhecimentos.

Ver a realização desse trabalho e que as pessoas não serão esquecidas é gratificante.

Esse catálogo representa muito para a comunidade de Campinas."

Vanusa Aparecida Pereira Cerceau

Professora da Escola Municipal de Campinas

**Pintando memórias:
histórias de vida e
arte comunitária**





Geralda Bartolomeu

Vida centenária de trabalho, fé e simplicidade

Nasceu em 24 de agosto de 1920 e faleceu em 2022, aos 103 anos. Morava na Rocinha, distrito de Barra Longa (MG), e casou-se aos 18 anos com Antônio Canuto, com quem teve 10 filhos. Em 1938, mudou-se para Campinas, onde viveu na roça até completar 76 anos. Para ajudar no sustento da casa, cultivava hortaliças, alho, feijão, frutas e legumes, levando os filhos para a plantação, já que não tinha com quem deixá-los. No campo, estendia uma esteira de talo de banana e palha de milho para acomodar os filhos enquanto trabalhavam. As condições na época não eram muito boas e suas roupas eram feitas de saco e retalhos de chita e chitão.

A fé sempre foi uma parte importante de sua vida e ela participava ativamente das festividades religiosas. No Dia de Nossa Senhora da Conceição, 8 de dezembro, levava os filhos para as celebrações na fazenda do senhor João Roberto, onde havia rezas e quitantas caseiras, como broa, biscoito de polvilho, brevidade, queijo e café. A festa, conhecida como a festa do biscoito, começava pela manhã e ia até à noite.

Dona Geralda viveu uma vida simples. Sua casa não tinha energia elétrica, e era iluminada por lamparinas de querosene. À noite, quando saía com seus filhos, usava um canudo de bambu para iluminar o caminho. Sem médicos por perto, a família precisava percorrer longas distâncias a cavalo até Cláudio Manuel, onde eram atendidos pelo enfermeiro Pedro Mol.

Antônio Viana da Silva - o Totoni

Cultivando a alegria e boas amizades

"Eu, Antônio Viana da Silva, nasci em Águas Claras em 15 de novembro de 1943. Sou filho de Francisco Viana e Ana Rosa de Jesus. Éramos seis irmãos e, quando eu tinha 4 anos, nos mudamos para Campinas. Estudei até a 2ª série, pois precisei trabalhar, mas aprendi o básico: escrever meu nome, fazer contas e ler.

Desde pequeno, ajudava meus pais nas plantações de milho, hortaliças, feijão, arroz, café e cana de açúcar, além de cuidar dos animais. Sempre fui muito corajoso e acompanhava minha mãe em todos os serviços, aprendendo muito. Aos 11 anos, comecei a trabalhar, a ter uma renda e a adquirir algumas coisas.

Os anos foram passando. Naquela época, as estradas não eram boas e não tinha energia elétrica. Havia somente trilhos, mas nos reuníamos em festas e sempre saíamos à noite com os amigos. Eram longas conversas.

Me casei em 24 de julho de 1963 com Eva Silva e tivemos 8 filhos, sempre trabalhando para dar sustento a eles. Hoje tenho uma família grande, com muitos netos e bisnetos. Ao longo dos meus dias, tive perdas irreparáveis: pais, irmãos, esposa, um filho e amigos queridos. Vivi momentos bons e outros não muito bons, mas continuo cultivando a alegria, trabalhando, tendo muitas amizades e muitas histórias. Não consigo ficar parado, gosto da vida no campo, gosto de viver aqui.

Isso foi um pouco da minha história..."



Eunice Mol Santos

A primeira professora de Campinas



Nascida em Barra Longa, em 25 de outubro de 1940, dona Eunice começou a lecionar aos 18 anos no distrito de Dobra, município de Alvinópolis. Em 1964, casou-se e mudou-se para o subdistrito de Campinas, em Mariana. Naquela época, não havia escola na comunidade, e sendo ela professora, decidiu transformar sua própria casa na primeira escola do local, onde passou a ensinar as crianças da região.

Em 1972, a prefeitura construiu o primeiro prédio escolar dentro da comunidade, e dona Eunice continuou seu trabalho como educadora nesse novo espaço. Ela lecionou na escola até 1979, deixando uma herança de dedicação à educação e à formação das gerações de crianças da comunidade de Campinas.

Maria da Conceição

Mãos que trouxeram vidas ao mundo



"Eu me chamo Maria da Conceição, tenho 90 anos, nasci em Campinas, onde moro até hoje. Gosto muito de ser moradora daqui. Aos 8 anos, após o falecimento da minha mãe, fui morar na fazenda do senhor Nico Mol. Campinas era um bairro muito humilde. Não tinha estrada, posto de saúde, ônibus escolar.

Passei muitas dificuldades na vida trabalhando na roça, capinando, roçando, carregando lenha e plantando horta para o sustento da família. Tive nove filhos dos quais oito estão vivos. O meu filho Leonardo mora comigo e toma conta de mim.

Uma parte da minha vida que amo lembrar foi trazer ao mundo várias crianças da comunidade, que hoje já são adultas, pois eu era parteira.

Graças a Deus, hoje em dia as coisas melhoraram muito em comparação com o passado."

Maria Gonçalves Hermegenildo

Uma história de luta e sacrifícios no campo

"Eu me chamo Maria Gonçalves Hermenegildo, tenho 78 anos, nasci em Campinas em 1945, onde vivo até hoje e gosto muito de ser moradora. Aqui era muito humilde, sem estrada, posto de saúde e ônibus escolar. Nós estudávamos longe e não havia energia elétrica. Usávamos lamparinas. As casas e a igreja eram simples, feitas de sapé, mas éramos felizes.

Desde cedo, passei muitas dificuldades. Trabalhei com meus pais plantando, capinando, roçando, carregando lenha e cuidando da horta para o sustento da família. Logo me casei e continuei na luta ao lado do marido, criando nossos sete filhos, todos nascidos com saúde e com a ajuda de parteiras. Devo obrigação até hoje por elas terem colocados meus filhos no mundo. Uma está no céu e a outra está aqui conosco. Ela se chama Maria da Conceição, a Maria Bárbara. Ela fez o parto dos meus dois filhos, Luciana e Edinei.

Meus filhos começaram a trabalhar cedo nos ajudando nas plantações. Meu filho mais velho mudou-se para São Paulo para ajudar nas despesas da casa porque naquela época era tudo difícil. Com o passar do tempo, voltou para Campinas, mas ficou pouco tempo conosco, pois faleceu. Era um rapaz muito novo. Só tinha 24 anos e até hoje sinto muita saudade dele. Depois de pouco tempo fiquei viúva, passei momentos muito difíceis, mas nunca perdi a fé. Em 2021, perdi outro filho. Não é fácil para uma mãe perder dois filhos, mas tudo é a vontade de Deus.

Hoje, as coisas melhoraram muito em vista de antigamente. Campinas agora considero como um cidade.... E aqui fica um pouco da minha história."



Maria Ângela da Cruz

De aluna a professora: uma jornada pela educação

"Tudo começou em 9 de fevereiro de 1969, quando nasci e fui batizada de Maria Ângela da Cruz, nome que minha mãe gostava. Não me lembro muito, mas fui feliz na infância. Morava na roça e era a mais velha de sete irmãos. Meu pai era trabalhador e nos criou com muita fartura, mas sem luxo. Não tive brinquedos caros, nem televisão, mas eu e meus irmãos fazíamos muitas brincadeiras divertidas e criativas.

Quando entrei na escola, fui direto para a 1ª série, pois não havia pré-escola na rede pública. Caminhava mais ou menos 5 km para ir e voltar; Era cansativo, mas na 3ª série, uma professora maravilhosa chamada Lurdes, hoje uma grande amiga, convenceu meu pai a nos transferir para outra escola onde ela iria trabalhar. Quando terminei a 4ª série, fui morar na casa dos pais da minha professora. Lá trabalhava durante o dia nas atividades da casa e à noite estudava. Foi assim até concluir o Magistério, em 1992.

Só em 1994 consegui minha primeira vaga como professora, em Campinas. Foi uma época bem difícil, pois não havia transporte coletivo. O caminhão de leite levava as professoras até determinado ponto e andávamos mais 4 km a pé, fizesse chuva ou sol. Ficávamos a semana inteira na escola, dormindo em uma sala de aula. Com o passar do tempo, a situação melhorou, com a construção de uma casa para os professores.

Fiz o curso de Licenciatura em Pedagogia Infantil e descobri novas maneiras de aperfeiçoar minha prática e de me atualizar no mundo da educação, tendo a certeza de que estava seguindo o caminho certo. Em 2019 consegui me aposentar e no ano seguinte fui homenageada com Mérito Funcional e encerrei minha carreira."



Maria Bonifácio

Amor pela cozinha, pela família e pela vida

"Sou Maria Bonifácio. Nasci na comunidade de Campinas em 1945, filha de Luiz Gonzaga e Raimunda Nonato. Tenho 11 filhos, 29 netos e 5 bisnetos, e me considero uma guerreira, sempre ativa e determinada em tudo o que faço.

Tenho um grande amor pela cozinha e adoro preparar rosquinhas, empadas e doces, Também amo receber meus filhos, netos, bisnetos e amigos.

Tenho esperança de que cada dia será melhor do que o outro e sou grata a Deus pelo privilégio de viver!"



Vanusa Aparecida Pereira

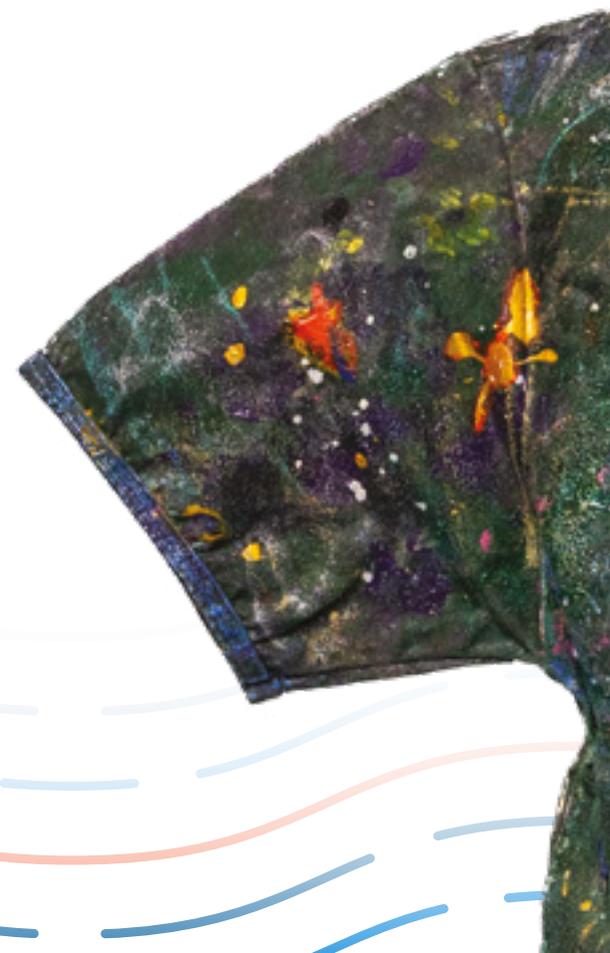
"Trabalhar com amor faz a gente feliz"

"Sou Vanusa Aparecida Pereira, nasci em 1975, em João Monlevade (MG), e me mudei para Mariana em 1984, com 9 anos de idade.

Estudei na Escola Estadual Dom Benevides, no Colégio Providência, no Dom Silvério, na Escola Técnica Federal de Ouro Preto e na Universidade Federal de Ouro Preto, onde construí as bases da minha carreira como educadora.

Iniciei minha trajetória na docência na Escola Municipal de Paracatu de Baixo. Depois, fui para a Escola Municipal de Pedras, para a Escola Municipal de Águas Claras e, por fim, para a Escola Municipal de Campinas, onde atuo hoje como professora.

Amo o que faço e entendo que trabalhar com amor faz a gente feliz!"





Maria das Graças Simão

Mãe guerreira e amorosa

"O nome da minha mãe é Maria das Graças Simão. Ela nasceu em 8 de agosto de 1948 e tem 76 anos. Ela sempre foi uma mulher guerreira e trabalhadora. Desde pequena, já sabia usar uma enxada. Ela plantava arroz debaixo de chuva para poder ajudar sua mãe.

Ela deixou a escola muito cedo, pois aos 8 anos já tinha perdido o pai. Um dos momentos mais marcantes que vivi com minha mãe foi o dia que lhe dei a sua primeira neta: jamais vou esquecer aquele sorriso maravilhoso que ela me deu. Hoje, sou grata por poder cuidar dela."



Maria Pedra Ferreira

Sem biografia.

Aldravias

Criada em Mariana (MG), a aldravia é um tipo de poesia com no máximo seis palavras, uma em cada linha. Durante as oficinas de aldravintura, alunos e professores da escola fizeram suas próprias aldravias sobre as peças que criaram, aprendendo a expressar ideias de forma criativa e direta.



Cobra verde \\ Ryan e Leticia

cobra
verde
bonita
venenosa
ninguém
pode

Flor de lama \\ Yuri e Wallace

linda
dourada
em
mara
cheia
lama

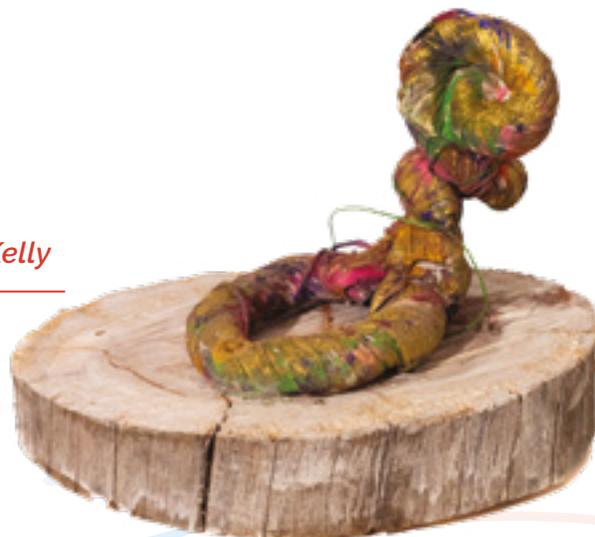


Nossa Senhora Aparecida de Campinas \\ Yuri e Wallace

paz
amor
devoção
benção
alegria

Cobra floresta \\ Kelly

extensa
floresta
abriga
aquela
cobra
imponente





Davi e Janaina \\ **Flor colorida**

flor
colorida
cheirosa
bonita
todos
gostam



Vanusa \\ **Asa da liberdade**

astuta
encanta
montanha
desabrocha
aprendizagem
liberdade



Vanusa \\ **Anjo da mata**

socorro
pede
planeta
benção
proteção
natureza



Sofia e Bárbara \\ **Flor venenosa**

flor
vermelha
bonita
colorida
mas
perigosa



Escola Municipal de Campinas

O apoio à produção deste catálogo é uma ação de salvaguarda das referências culturais das comunidades atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão, promovida pela Fundação Renova em cooperação com a UNESCO. As peças que compõem esse catálogo foram coletadas, impermeabilizadas e interferidas de forma artística pelos alunos, professores e funcionários da Escola Municipal de Campinas, subdistrito de Mariana (MG).

Realização:



Apoio:

Salvaguarda das
Referências Culturais

Cooperação

